Resenha: "Gestão Cultural para o Desenvolvimento: noções, políticas e experiências na América Latina"*

MACCARI, Bruno; MONTIEL, Pablo **Gestión cultural para el desarrollo: nociones, políticas y experiências em América Latina.** Buenos Aires: Ariel, 2012. 248p. ISBN 978-987-1496-26-6.

MAGNUS LUIZ EMMENDOERFER[**]
JUSSARA DE MACEDO VIANA[***]

O tema cultura tem adquirido um espaço importante nos debates da sociedade contemporânea. No meio acadêmico deixou de ser apenas assunto das ciências sociais, ganhando atenção também em outras áreas de conhecimento como a Administração. Essa mudança é percebida especificamente no setor público, onde o olhar sobre a gestão de políticas culturais tem sido cada vez mais objeto de relevância com a paulatina institucionalização de sistemas nacionais de cultura. Somado a isso, observa-se que no século XXI os governos, em parceria com organizações privadas, têm buscado estimular ações culturais como um caminho para a redução da desigualdade social com desenvolvimento econômico.

* Esse trabalho é resultado da pesquisa "Políticas Públicas, Inovações e Desenvolvimento Regional: Avaliação do Programa Minas Território da Cultura (PMTC) no Estado de Minas Gerais" com fomento Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) Processo 474053/2013-0.

** Dr., Professor Adjunto, Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAdm), Departamento de Administração e Contabilidade, Líder do Grupo de Pesquisa em Gestão e Desenvolvimento de Territórios Criativos (GDTeC). E-mail: magnus@ufv.br. Endereço de correspondência institucional: Universidade Federal de Viçosa, DAD/CCH, Av. P.H. Rolfs, s/n. Campus Universitário, CEP 36570-000, Viçosa, MG. Brasil.

*** Graduanda em Administração, Universidade Federal de Viçosa, Departamento de Administração e Contabilidade, Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão e Desenvolvimento de Territórios Criativos (GDTeC), CEP 36570-000, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: jussara.vianadm@gmail.com.

Este é o escopo central do livro *Gestión Cultural para el desarrollo*, ainda sem tradução para a língua portuguesa, de autoria de Bruno Macari, licenciado em Artes pela Faculdade de Filosofia e Letras (UBA) e especialista nas áreas de Administração e Cooperação Cultural; e de Pablo Montiel, licenciado em Política e Administração Cultural (UNTREF) e pós-graduado nos campos de Gestão, Comunicação, Economia e Cooperação Cultural. Ambos os autores trabalharam com gestão cultural no governo de Buenos Aires (Argentina) na primeira década de 2000 e desde 2007 fazem parte da equipe responsável pela consultoria especializada em serviços de gestão cultural, principalmente em países da América Latina. Tal consultoria reitera a carência de conhecimentos organizados e de práticas formativas em cursos de capacitação e universitários que tratam de gestão cultural como questão tanto organizacional, quanto de natureza pública e governamental. Algo importante para o desenvolvimento socioeconômico endógeno e emancipatório por meio da cultura.

Os autores compuseram o referido livro em duas partes, sendo uma mais teórica com quatro capítulos em que são apresentadas noções sobre cultura e desenvolvimento e suas interlocuções com as políticas públicas. A segunda parte contempla essencialmente casos sobre o tema do livro que foram descritos em seis capítulos. Essa parte mais "prática" reúne uma coletânea de experiências de implantação e de consolidação de projetos culturais que trouxeram resultados positivos no que se refere ao desenvolvimento socioeconômico das regiões atendidas, em cidades de diversos países da América Latina.

A parte teórica, discussão central desta resenha, é semelhante a muitas outras obras sobre o tema, iniciando sua exposição com várias noções que surgiram ao longo do tempo a respeito do termo "cultura". Para Bruno Maccari e Pablo Montiel, os usos de tal termo têm indicado sentidos diferentes e, às vezes, opostos. Seus vários significados mostram profundidade e sutileza, mas também a dificuldade de se elaborar um conceito conciso a seu respeito, mais especificamente entre os séculos XVIII e XXI, destacando que a partir do surgimento das ciências sociais a cultura passou a ser vista como um conjunto de diferentes costumes e crenças. Para os autores, as

diversas interpretações sobre cultura influenciam o *modus facendi* da gestão cultural, e talvez este seja o motivo pela qual as concepções tradicionais de que a cultura esteja associada à música culta, às letras e belas artes ainda se encontram arraigadas nos pensamentos contemporâneos e, consequentemente, nos projetos culturais.

Somado a isso, no capítulo dois os estudiosos abordam os significados do termo "desenvolvimento" que, durante muito tempo, foi considerado como um tema próprio da economia, em que os componentes culturais eram negligenciados. Porém, nos anos 1980 surgiram preocupações, corroborando com aquelas apresentadas nas obras de Furtado (1984) sobre o Brasil, em relação aos aspectos de identidade, diversidade dos povos, pobreza e desigualdade social, que do ponto de vista econômico não têm sido considerados para determinar o nível de desenvolvimento de um país. Tal colocação serviu de base para a discussão dos autores do livro no terceiro capítulo, em que demonstram como a cultura deixou de ser considerada uma barreira ao crescimento dos países chamados subdesenvolvidos, passando a ser apontada como elemento central e determinante no processo de desenvolvimento desses.

No quarto capítulo, Bruno Maccari e Pablo Montiel questionam as comparações das ações de produção artística e consumo cultural com políticas de democratização e acesso, uma vez que a cultura é vista por muitos governos como algo estabelecido e determinado (*taken for granted*), oferecido por meio de programas aos cidadãos para elevar seu nível cultural. Segundo os pesquisadores, observa-se que os programas e ações culturais resultam de um cenário distante de seus contextos pouco estáveis, sem planejamento, subvalorizado em relação a investimentos pouco produtivos, sem impacto social e altamente corporativo e inato. Diante dessa realidade, os autores encerram essa parte teórica ressaltando a importância da responsabilidade do Estado em fomentar projetos socioeconômicos associados à cultura e ao desenvolvimento a fim de preservar e valorizar seus bens e saberes culturais locais e regionais como meio de desenvolvimento territorial.

Esse desfecho teórico é o destaque da obra, que serve de diretriz para os relatos da parte prática, que incluem a gestão cultural como elemento essencial para articular o binômio cultura-desen-

volvimento. Além disso, ressalta-se que o conteúdo teórico provoca a reflexão sobre a diversidade das manifestações culturais como algo inerente de um país inclusivo e democrático, bem como um caminho para se inovar em geração de trabalho e renda de modo criativo. Tal colocação de Bruno Maccari e Pablo Montiel converge com as discussões sobre cultura e desenvolvimento tratadas nas obras de Furtado (1984, 2000), apesar desse cientista econômico não constar da bibliografia desse livro e ter tratado o binômio cultura-desenvolvimento nas décadas de 1970 e 1980.

Na segunda parte do livro, no quinto capítulo, há o relato da experiência da Fundação PH 15 na cidade de Buenos Aires (Argentina). A experiência ocorre em uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que desde 2000 realiza oficinas de fotografia e atividades correlatas, atendendo jovens em situação de risco e defendendo a ideia da educação por meio da arte e da cultura como ferramenta para o desenvolvimento e superação dos problemas socioeconômicos. Um dos principais resultados da Fundação PH 15 é a melhora das competências sociais e de perspectivas de trabalho, em que jovens passam a fazer parte da equipe como professores ou realizando outras atividades, contribuindo para a redução da violência e do uso de drogas na região atendida. O programa recebe doações de amigos, empresas e esporadicamente alguma ajuda do setor público e todo o material necessário para a realização das oficinas é colocado à disposição dos alunos. A captação de voluntários é feita de maneira consciente e rigorosa, levando em conta as necessidades da fundação e a disponibilidade dos candidatos e, como recompensa, oferece a formação e crescimento humano e profissional.

No capítulo posterior é relatado o caso de Huaca Pucllana na cidade de Lima (Peru), onde, no bairro Miraflores, se encontram edifícios coloniais e sítios arqueológicos valiosos do período pré-hispânico. Esse território foi alvo de maus tratos e indiferença pela sociedade – o que acabou resultando na perda de boa parte de sua história com a degradação e o processo de urbanização de referência da época. Todavia, em 1967 nasceu o interesse público em recuperar e atribuir valor aos monumentos e em 1982 o governo local assumiu a responsabilidade de requalificar as áreas danificadas e empreender um processo educativo na comunidade. Como resultado,

Miraflores se tornou uma área de promoção cultural especializada em seminários e oficinas com o objetivo de estimular o interesse da comunidade pelo sitio. O fator principal no projeto trata da cogestão entre os governos nacional e municipal que se associaram para levar adiante o projeto, mas ainda assim são necessárias atividades em parceria com o mercado e a comunidade para complementar outros 70% que faltam para a iniciativa tornar-se uma plataforma cultural sustentável.

O caso do programa Biblioteca Viva é relatado no capítulo sete, o qual aborda o modelo de mediação gerencial em espaços não convencionais para a promoção da leitura na região metropolitana de Santiago (Chile), onde existem níveis baixos de capital cultural por meio da leitura e literatura. O contexto é sobre espaços culturais abertos à comunidade, localizados em grandes centros comerciais que oferecem acesso gratuito a materiais de leitura e realizam diversas atividades afins. Esse programa foi implantado por meio de uma parceria entre organizações do terceiro setor e empresarial que se beneficiaram da lei de doações culturais e de geração de renda própria para o financiamento de seus projetos, além de ajuda indireta do governo. O destaque desse caso é a capacidade gerencial em manter as unidades culturais espalhadas pela cidade alinhadas aos objetivos do projeto sem se distanciar da identidade e da realidade de suas comunidades.

O capítulo oito trata do caso da Rede de Faróis, no Distrito Federal do México, que consiste numa rede de espaços culturais abertos à comunidade mais carente com diversos tipos de atividades, em que se objetiva uma formação artística de qualidade. O Farol do Oriente foi o primeiro projeto cultural a ser criado e objetiva promover a criatividade e a reconstituição social nos locais de alta marginalidade, com baixo acesso aos serviços e bens culturais. Por ter atingido resultados positivos o governo resolveu aumentar a rede com outros espaços, partindo para outras regiões, inclusive nas áreas rurais. Esse projeto alcança um número considerável de indivíduos e seus propósitos se materializam a partir de um conjunto de atividades, bens e serviços oferecidos nas suas sedes. Os investimentos são altos, sendo a maior parte do financiamento provida pelo governo da cidade e outra parte, por convênios interinstitucionais.

O objetivo se resume em desenvolver uma alternativa de formação não convencional, orientada às artes e ofícios com forte vinculação com a vida cultural.

No capítulo subsequente os autores apresentam a experiência da organização Maloka, em Bogotá (Colômbia), instituição privada sem fins lucrativos que é referência em conhecimento e reconhecida como pioneira de um belo trabalho de inclusão social e desenvolvimento cultural e educativo a partir de visão transversal da ciência e da tecnologia. A Maloka possui um nível de especialização, inovação e tecnologia de ponta que lhe permite promover uma multiplicidade de projetos e serviços. Dispõe de um conjunto de espaços para que crianças e jovens dediquem parte do seu tempo para experimentar e desfrutar da ciência e da tecnologia, contando com uma equipe de tutores e supervisores especializados nas disciplinas. Observou-se que as qualidades inovadoras somadas a uma equipe diversificada e qualificada em gestão cultural e políticas públicas, juntamente com o modelo de articulação em redes cientificas em interação com atores e organizações de referências, bem como a contribuição de especialistas e assessores de hierarquia, resultam na solidez dos processos de investigação e desenvolvimento da Maloka.

No décimo capítulo é relatado o projeto cultural SWU Music & Arts Festival (acrônimo de *Starts With You*) em São Paulo (Brasil). O SWU é um movimento de conscientização em prol da sustentabilidade que realiza o Festival de Música e Arte num fórum global da cidade, com o objetivo de gerar consciência acerca dos grandes problemas que podem começar a ser mitigados a partir de pequenos gestos individuais e coletivos com respeito à sustentabilidade do nosso planeta. O evento é produzido por uma empresa especializada em marketing em colaboração com a produtora de festivais musicais. As edições do SWU contaram com artistas importantes e foram transmitidas ao vivo para mais de 1,5 milhão de pessoas com debates que seguem por vários eixos sobre a sustentabilidade.

Segundo Maccari e Montiel, é possível observar que os casos de projetos culturais latino-americanos são estritamente diferentes dos modelos europeus e asiáticos, que nos últimos anos estão mais focalizados em festivais e na economia e indústrias criativas (MADEIRA, 2014). Essa diferença cultural entre continentes pode ser explicada

por Furtado (2003) pelas raízes do subdesenvolvimento em termos culturais existentes nos países da América Latina, que, apesar da diversidade étnica e da riqueza de seu patrimônio imaterial, ainda não possuem agendas públicas e práticas culturais perenes que possam ser transmitidas de geração a geração que tratam e valorizam aquilo que é diferente de forma diferente e equitativa.

Os estudiosos encerram o livro com uma análise dos casos apresentados, destacando que as políticas culturais não devem ser um ofício exclusivo do Estado ou de gestores públicos, mas, sim, serem coproduzidas com os diversos atores do mercado e da comunidade cultural. Todavia, dos casos apresentados, com exceção da Bolívia, o livro limita-se a relatar as experiências de gestão cultural dos seis países mais ricos da América Latina, dentre os 20 existentes. Além disso, é preciso investir políticas públicas culturais articuladas com a educação para a preservação e fruição de bens e serviços culturais para que os casos ilustrados na obra sobre a América Latina não sejam situações isoladas, sem efeito formativo e de disseminação de boas práticas nesse campo para os países mais pobres economicamente.

Por fim, em toda a obra Bruno Maccari e Pablo Montiel discutem a relação cultura e desenvolvimento, trazendo reflexões e exposições a partir de experiências vivenciadas na América Latina a fim de mostrar como ações culturais podem transformar um determinado território. Na perspectiva dos autores, para que um país tenha planos de desenvolvimento sustentável a cultura deve ser posta no centro de todas as políticas de desenvolvimento, e isso requer gestão. Assim, os autores ofereceram ao leitor acadêmico e ao público interessado em gestão e políticas culturais uma obra multifacetada com várias formas de se produzir e gerenciar atividades culturais que promovem desenvolvimento para além da dimensão econômica. Os referenciais teóricos deste livro são diversos, o que torna a obra atraente e acessível também ao leitor das mais diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais. Fornecem ainda, uma ferramenta para o estudo e o trabalho docente na graduação e na pós-graduação em Administração Pública e para o trabalho de gestão cultural no governo, em empresas e em organizações do terceiro setor.

Referências

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, Celso. **Introdução ao desenvolvimento:** enfoque histórico-estrutural. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FURTADO, Celso. **Raízes do subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MADEIRA, Mariana G. **Economia criativa:** implicações e desafios para a política externa Brasileira. Brasília: FUNAG, 2014. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/1096-economia-criativa.pdf.>. Acesso em: 05 abr. 2015.

Recebido em: 7-9-2015
Aprovado em: 23.5.2016
Avaliado pelo sistema double blind review.
Editor: Elmo Tambosi Filho
Disponível em http://mjs.metodista.br/index.php/roc